



EM CENA, OS HOMENS....

**MARIA LUIZA HEILBORN
SÉRGIO CARRARA**

O presente dossiê ecoa a importância crescente que o tema da masculinidade vem assumindo no âmbito dos estudos sobre gênero e sexualidade. Nos Estados Unidos ou Inglaterra, o assunto já vem há algum tempo inspirando novos trabalhos em áreas disciplinares mais tradicionais, como a psicologia, a antropologia ou a história social. Nos últimos anos, nas universidades anglo-americanas, vem sendo organizada uma nova sub-área de reflexão interdisciplinar que, a exemplo dos *women's studies*, dedica-se exclusivamente ao estudo do gênero masculino. São os chamados *men's studies*¹. Na França, intelectuais do peso de Pierre Bourdieu têm visitado o tema em artigos e livros recentes². No Brasil, como demonstram os artigos reunidos nesse dossiê e em algumas outras publicações, a masculinidade também vem se tornando objeto de pesquisa.

Ao que parece, nesse final de milênio, os homens – enquanto representantes de um gênero – vêm sendo definitivamente transformados em objeto de ciência. O significado deste fato deve ser salientado, caso queiramos entrar nessa discussão sem incorrer nos perigos de uma abordagem ingenuamente positivista, para a qual os homens e a masculinidade teriam estado sempre lá, apenas à espera de um

¹ Para uma recente avaliação crítica da produção da chamada área dos *men's studies* ver CARRIGAM, Tim, CONNELL, Bob e LEE, John. *Toward a New Sociology of Masculinity*. In: BROD, Harry (ed.). *The Making of Masculinities: the new men's studies*. Boston: Allen & Unwin, 1987; CORNWALL, Andrea, e LINDISFARNE, Nancy. *Introduction e Dislocating Masculinity: gender power and anthropology*. In: CORNWALL, A., e LINDISFARNE, N. (ed.). *Dislocating Masculinity - Comparative Ethnographies*. Londres e Nova York: Routledge, 1994; HARRISON, James B. *Men's Roles and Men's Lives*. *Signs*, winter, 1978, p. 325-337; OLIVEIRA, Pedro Paulo. *Discursos sobre a Masculinidade*, *Revista Estudos Feministas*, vol. 6, n. 1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1998.

² BOURDIEU, Pierre. *La Domination Masculine*. Paris: Seuil, 1998 e *A Dominação Masculina. Educação e Realidade*, nº 20, v. 2, jul/dez 1995, p. 133-184.

analista criativo que os abordasse. Principalmente depois dos trabalhos de Michel Foucault, sabemos muito bem que o modo pelo qual os saberes científicos constroem seus objetos não é operação simples, nem suas consequências sociais são sempre previsíveis. Na maior parte das vezes, porém, a construção de novos objetos científicos supõe e geralmente reforça processos de dominação que atingem certos grupos sociais. Assim aconteceu, por exemplo, com os loucos, os sexualmente desviantes, as mulheres, as crianças ou os velhos, para os quais as ciências biomédicas construíram nos últimos duzentos anos nichos disciplinares específicos, como a psiquiatria, a ginecologia, a pediatria e a gerontologia. Porém, submeter os homens - seu organismo, seu comportamento ou os valores socialmente atribuídos ao gênero masculino - ao crivo da especulação científica parece ter sido tarefa bem mais complicada. Ainda no âmbito das ciências biomédicas, uma andrologia - enquanto ciência dos problemas que afetam os homens - nunca conquistou o mesmo grau de sistematicidade ou o mesmo prestígio acadêmico de disciplinas como a ginecologia, embora sua constituição tenha tendo sido proposta pontualmente ao longo desse nosso século³. Talvez seja por isso mesmo que ainda hoje, no Brasil e em outros países ocidentais, homens com problemas específicos ao seu sexo continuem a ser tratados por urologistas, ou seja, por especialistas de uma disciplina que é teoricamente endereçada a um indivíduo universal, a um ser humano não marcado por quaisquer atributos de gênero.

Contudo, a tendência de se deixar intocado o homem parece estar sendo revertida. Ironicamente, só agora eles se tornam objeto daquelas ciências que, mesmo sem nunca terem abordado sistematicamente a masculinidade, desde há muito tempo são denominadas de "ciências do homem". Na verdade, nelas, como já apontara a crítica feminista dos anos 70, o homem figurava não como um objeto de reflexão entre outros, mas como o referente implícito de seus discursos, como o representante universal de toda a espécie humana. Esses serão os momentos finais do percurso que levará os homens à completa perda dos privilégios da universalidade? Talvez. Talvez seja também o momento em que se torne claro que tais privilégios têm seu preço, pois, se o gênero masculino ou as singularidades do organismo dos homens têm sido mais facilmente "objetificáveis" pelas diferentes ciências humanas, as soluções para os seus problemas específicos são por isso mesmo muito menos conhecidas.

De todo modo, a correlação entre a emergência do gênero masculino como objeto de reflexão das ciências humanas e a perda dos privilégios sociais que até hoje a identidade de gênero assegurou aos homens é corroborada por diversos trabalhos. Muitos autores vêem na atual preocupação com o tema o reflexo da "crise" imposta à identidade masculina a partir dos anos 60, oriunda da segunda vaga feminista e da emergência do movimento homossexual⁴. Através de denúncias envolvendo violência doméstica, assédio sexual, monopólio de postos e de funções no mercado de trabalho, atitudes homofóbicas etc. Impôs-se um maior distanciamento

³ Ver para isso CARRARA. *Tributo a Vênus, a Luta Contra a Sífilis no Brasil da Passagem do Século aos Anos 40*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

⁴ De fato, alguns historiadores remontam tal crise aos finais do século passado quando as mulheres emergem enquanto ator político na cena pública. Ver, por exemplo, MARIGUE. *L'Identité Masculine en Crise au Tourant du Siècle*. Paris: Rivages, 1987.

frente a comportamentos e valores que até então estavam amplamente naturalizados, vistos como inerentes ao corpo e ao mundo masculinos. A masculinidade começa a ser então mais claramente percebida como culturalmente específica, variando segundo as sociedades ou, no âmbito de uma mesma sociedade, segundo diferentes períodos de sua história⁵. A masculinidade “desconstruída” pode agora possuir também uma história, uma antropologia, uma sociologia.

Além disso, e para alguns ainda como reflexo da mesma “crise”, os homens começam a se organizar, ao menos em alguns países, em torno da singularidade de seu gênero. Alguns desses grupos de homens se revestem de um caráter quase terapêutico, procurando ajudar os seus membros a superar os conflitos que o mundo moderno coloca à sua identidade de gênero. Outros apresentam um caráter redentório, reunindo homens em busca de uma masculinidade menos agressiva, mais responsável e doméstica. Nos Estados Unidos, tal movimento já consegue arrebanhar milhares de adeptos (oriundos principalmente da classe média branca) em gigantescas manifestações públicas. Para muitos, tais grupos nada mais seriam do que a resposta agônica do “sexo forte” frente à erosão final de seus privilégios sociais. De todo modo, sua presença na cena pública contribui para tornar urgente a reflexão sobre o assunto.

Em países como o Brasil, onde tais movimentos são bem menos expressivos, outros elementos concorrem para a importância que o tema vem assumindo.

Cremos que uma certa agenda política internacional aliada à nossa costumeira incorporação de temas das ciências sociais da moda podem explicar o interesse que a masculinidade vem despertando no país. O aparecimento desse objeto se inscreve num cenário do início da década de 90 quando têm lugar grandes conferências internacionais relativas aos direitos das mulheres, que enfatizaram a necessidade de incorporar os homens como alvos de políticas de implementação de uma maior equidade entre os sexos. Essas conferências, que foram além dos interesses femininos, tratando de temas como direitos humanos, população, meio ambiente, tiveram o mérito de salientar que especificamente nas questões relativas à reprodução e ao controle da difusão da epidemia HIV/Aids era premente focalizar ações sobre a população masculina. Assim, o despertar do interesse articula-se obviamente com a possibilidade de financiamentos de pesquisas e intervenções que cada vez mais privilegiam os integrantes do sexo masculino como aqueles a quem se cumpre conhecer, interrogar e mesmo alterar valores e comportamentos. Esse quadro parece ser o mais razoável para elucidar o contexto de surgimento do interesse que se combinou também a fenômenos sociais específicos e datados, entre eles a mudança do perfil epidemiológico da epidemia HIV no país com o aumento vertiginoso da contaminação sexual de mulheres por intermédio de seus parceiros fixos (maridos e companheiros) e também pela crescente visibilidade da violência doméstica. A análise da lógica e da visão masculinas expressas na articulação entre sexualidade, relações de gênero e organização da família tornou-se mais que nunca fundamental.

⁵ Dizemos “mais claramente” porque, desde os trabalhos pioneiros de Margaret Mead, o caráter socialmente construído dos papéis sexuais já era discutido ao menos no âmbito da Antropologia Social.

Além da "crise masculina" e das novas agendas feministas ou de luta contra a AIDS, ao contexto de emergência do gênero masculino como objeto de reflexão deve ser agregada a própria dinâmica do campo de estudos de gênero. Nele, o deslocamento da ênfase do universo feminino ou dos sexualmente desviantes para os sistemas ou hierarquias de gênero em sua totalidade supunha e já preparava a incorporação à análise do tema da masculinidade. E na medida em que os estudos se sucedem fica cada vez mais claro ser impossível falar em masculinidade sem qualquer adjetivo. Há masculinidades. Ao menos no mundo ocidental, o modelo do homem burguês bem comportado, cumpridor de seus deveres para com a família e o Estado, convive de forma tensa com o modelo romântico do aventureiro solitário, avesso aos laços familiares e pronto tanto para as agruras dos campos de batalha⁶, quanto para as delícias dos bordéis e dos bares. À masculinidade que se encena no escritório entre nuvens de fumaça de inúmeros charutos, opõe-se aquela outra que se manifesta ao ar livre, no esporte, no safari, no acampamento dos escoteiros, no turismo ecológico ou nas expedições científicas. Contra o homem "tradicional" de poucas palavras, principalmente quando se trata de falar sobre si mesmo, insurge-se o homem "moderno" que, nos divãs dos psicanalistas, vem se adestrando nas sutilezas dos jogos verbais. Há também a masculinidade que se constrói como paródia nas boates frequentadas por homens e mulheres homossexuais.

Além de revelarem a existência de diversos (e às vezes divergentes) modelos de masculinidade em uma mesma sociedade, os estudos de gênero propõem que se estude também o modo pelo qual as diferentes hierarquias sociais (de gênero, classe, raça ou idade) incidem umas sobre as outras, modulando-se mutuamente. Nesse sentido, os atributos de gênero se constroem também de maneira situacional. Assim, muitos dos comportamentos que historicamente foram atribuídos às mulheres (emocionalidade exacerbada, misticismo, falta de auto-controle, sugestibilidade etc.) serviram também para qualificar os homens pertencentes a povos e raças em situação colonial. A masculinidade de um indiano que se afirma frente ao colonizador inglês não é a mesma que se afirma frente a um outro indiano. Do mesmo modo, uma das difíceis tarefas dos homens que envelhecem em nossas sociedades é a de refazer sua identidade de gênero frente à perda de vários dos atributos que continuam a definir a masculinidade hegemônica (capacidade para o trabalho, força física, potência sexual). Enfim, ao analista vem se impondo não só a tarefa de descrever os diferentes modelos de masculinidade existentes em diferentes contextos e situações sociais, mas a de entender as relações sociológicas e históricas que mantêm umas com as outras e as condições que possibilitam, em cada momento e lugar, a hegemonia de algum desses modelos sobre os outros.

Os textos reunidos nesse dossiê tratam de duas searas distintas da experiência social de homens. De um lado, dois artigos, o de Leal e o de Heilborn abordam através de material etnográfico os vínculos entre práticas sexuais, valores acerca da sexualidade e da reprodução, produção do gênero masculino e formas de organi-

⁶ Para uma análise dos aspectos relativos ao manejo da violência e da força física nos nomes, ver NORBERT, Elias. Os Alemães - a luta pelo poder e a evolução dos *habitus* nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, a propósito do que ele designa como *ethos* guerreiro.

zação da família e da conjugalidade. Leal apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa, que obteve tratamento estatístico dos dados obtidos através de entrevistas realizadas com cerca de 100 homens, de várias idades, moradores de quatro vilas (favelas) na cidade de Porto Alegre. O trabalho arroia as concepções sobre reprodução, concepções sobre aborto e preferência por certas práticas sexuais, contrastando-as com a maneira como tais temas são pensados por mulheres oriundas da mesma inserção social. Já o artigo A Primeira Vez Nunca se Esquece trata da entrada na vida sexual adulta por parte de homens de diferentes inserções sociais. Nele, busca-se investigar de que modo a carreira afetivo-sexual, como uma das dimensões da trajetória de vida, é elucidativa das tensões inerentes à construção da identidade de gênero masculina. Considerando que a iniciativa é um atributo culturalmente destinado aos homens na relação entre os dois sexos, a análise revela que tanto no cortejar quanto na maneira como é concebida a iniciação sexual como um aprendizado técnico está em jogo a capacidade dos sujeitos em preencher tais requisitos de maneira satisfatória. Nesse sentido, o homem tímido aparece como uma espécie de vítima estrutural das relações de gênero. De outro lado, o artigo de Carvalho enfoca a experiência masculina em uma profissão feminina, a educação. Temos aqui uma situação de reversão da hierarquia de gênero: homens que precisam elaborar de maneira mais ou menos congruente uma "escolha" profissional que os lança em um domínio das mulheres. A seleção desses artigos para compor o Dossiê Masculinidade da *Estudos Feministas* acompanha os temas privilegiados de análise e uma certa tendência que esteve presente nos primeiros esforços de desvendamento do mundo feminino: dar voz a temas e lugares tidos como invisíveis.